



IV Seminário de Comunicação e Territorialidade

“Comunicação contra as desigualdades”

PósCom-Ufes – Centro de Artes – Campus de Goiabeiras
17-18 de Outubro de 2018

MULHERES QUE RIMAM: narrativas femininas no movimento hip hop

Carolina SAMPAIO¹
Mônica VERMES²

1 INTRODUÇÃO

Este artigo nasce de uma pesquisa de mestrado, que se encontra em fase de levantamento bibliográfico, com o objetivo analisar o rap enquanto forma de comunicação contra-hegemônica na promoção de políticas feministas e de resignificação dos papéis sociais.

O rap é a elemento de maior visibilidade dentro do movimento hip hop. Sendo assim, ele funciona como uma importante ferramenta de produção de representações sociais, atribuindo seu discurso na construção de identidade por meio da identificação.

Como a presença de mulheres rappers é algo recente, a representação social feminina é estabelecida pelo olhar masculino, construindo as identidades de gênero dentro do movimento hip-hop. Esse fato tem duas grandes problemáticas: uma é a construção da identidade feminina comumente caracterizada por idealizações masculinas; a outra é a falta de exposição das demandas sociais das mulheres do movimento, como a valorização da sua identidade, a exposição de seus pesares e suas reivindicações.

¹ Carolina Sampaio. Aluna do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Vinculada ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Literários e Musicológicos - NELM. E-mail: carolinaofranti@gmail.com

² Mônica Vermes. Professora/Orientadora do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Coordenadora do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Literários e Musicológicos – NELM. E-mail: mvermes@gmail.com





Há muitas formas de não existência feminina, e o no movimento hip hop o feminino é silenciado também pela falta de representatividade. Por esse motivo, o artigo se justifica por questionar as relações de gênero dentro do movimento, problematizando a invisibilidade feminina e as representações sociais de gênero no rap. Coincidindo com o IV Seminário de Comunicação, o estudo aqui apresentado analisa a produção de discurso na territorialidade urbana a partir do rap, ferramenta comunicacional contra-hegemônica, na promoção de políticas feministas e luta contra as desigualdades.

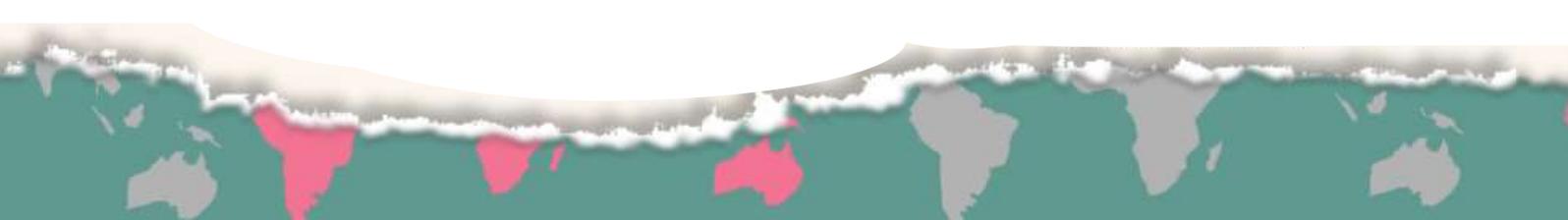
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como o artigo apresentado deriva de uma pesquisa de mestrado em fase de levantamento bibliográfico, a metodologia predominante é uma pesquisa bibliográfica a partir de estudos já realizados, buscando a apropriação de conceitos como movimento hip hop; rap; gênero; e comunicação contra-hegemônica.

De posse de outras pesquisas já concluídas sobre o tema, o procedimento metodológico escolhido para a dissertação é a combinação entre análise de conteúdo e entrevista em profundidade, semi-aberta.

Um corpus de elementos discursivos e midiáticos do grupo, composto pelas músicas do álbum Sistema Feminino, será constituído para análise. Neste momento, a análise de conteúdo terá o objetivo de contextualizar, através da reconstrução de representações, as letras das músicas como um meio de expressão. “Um corpus de texto é a representação e a expressão de uma comunidade que escreve. Sob esta luz, o resultado de uma AC e a variável dependente, a coisa a ser explicada” (Bauer, 2002, p.191).

Dessa forma, de modo a entender como as cantoras do grupo Melanina Mc's percebem as relações sociais de gênero presente no movimento hip hop, faz parte da metodologia do estudo realizar uma entrevista em profundidade coletiva com as integrantes do grupo de rap.





A entrevista em profundidade é uma técnica qualitativa que tem como objetivo mapear uma situação de análise, um fenômeno. Para Jorge Duarte (2006) esse tipo de entrevista não permite testar hipóteses e sim saber como ela é percebida pelos entrevistados.

“Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para a compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. [...] O objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas” (Duarte, 2006, p.63)

As conclusões obtidas em ambas as análises serão confrontadas, de modo a compreender se há um posicionamento questionador das relações de poder entre gêneros no discurso da rappers e sua intencionalidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tradicionalmente, ser mulher no movimento hip-hop está relacionado ao papel de espectadora em detrimento ao protagonismo na cultura urbana. Essa perspectiva está pautada jogos de poder na sociedade, onde à mulher é atribuído ao lugar de plateia, sendo vistas como incapazes de participar das grandes discussões sociais.

“Elas são frequentemente condenadas a participar por procuração, por uma solidariedade afetiva para com o jogador, que não implica uma verdadeira participação intelectual e afetiva no jogo e que as faz frequentemente torcedoras incondicionais” (Bourdieu, 2002, p.163)

Entendendo gênero como construção social (Beauvoir, 1980), a falta de protagonismo feminino no movimento se relaciona com a ordem social que faz uma divisão do que é masculino e feminino (Bourdieu, 2002), reservando os lugares públicos para os homens, desenvolvendo seu pensamento político, e deixando os lugares privados para as mulheres, construindo suas responsabilidades domésticas e de reprodução.





Fora dos holofotes as mulheres sofrem de uma imposição do caráter espectador ao movimento político-cultural aqui estudado. Assim, suas demandas sociais são oprimidas, contribuindo para a invisibilidade feminina no movimento hip hop.

Para Angela Davis (20016), a emancipação é uma construção abstrata, de quebra de pequenas barreiras diárias. Como forma de resistir e quebrar essas barreiras no movimento hip hop, as rappers, grafiteiras e b-girls (dançarinas) ganham espaço na cultura urbana e a reterritorializam a partir de uma perspectiva de denuncia a desvalorização das suas experiências, pensamentos e atitudes.

Ao questionar essas bases das relações de poder através de ações politico-culturais, essas mulheres recorrem às culturas de oposição e se tornam produtoras da mídia radical. Segundo Downing (2002), a mídia radical se concentra na matriz da cultura popular e da malha social, sendo considerado um fenômeno misto, e não isolado e ordeiro.

Se consolidando como um dos poucos grupos de raps formado por mulheres do estado do Espírito Santo, o Melanina Mc's se tornará o objeto da pesquisa de mestrado, que visa responder as perguntas levantada por esse artigo: Quais são as marcas narrativas presentes no discurso de rap do grupo capixaba Melanina Mcs? Esse discurso promove representatividade feminina dentro do movimento hip-hop e, por conseqüente, ressignifica os papeis sociais de gênero?

4 CONCLUSÕES

A pesquisa, ainda em andamento, terá as fases de coleta e análise dos dados no primeiro trimestre de 2019. No momento não há conclusões definitivas sobre os questionamentos levantados.

Como hipótese levantada para melhor aprofundamento na pesquisa de mestrado da qual esse artigo se originou, presume-se que as mulheres rappers veem o rap como espaço de luta ideológica de gênero e utilizam um discurso de resistência em suas músicas, questionando as relações de poder. Ao se posicionarem e manifestarem a realidade feminina, as rappers se tornam representativas e incentivam outras mulheres a assumirem o papel de protagonistas dentro do movimento hip-hop.





“Enquanto os homens fazem uma crítica social que denuncia os modos de policiamento e violência sofridos pelos homens negros de classe social baixa, os temas das mulheres rappers fazem suas contestações principalmente na arena da política sexual” (Magro, 2003, p.63).

Sendo assim, as mulheres rappers buscam discutir temas que só podem ser ditas por quem são, representando a subalternidade do coletivo feminino do movimento hip hop através de uma narrativa que aborda temas comuns do grupo.

5 PALAVRAS-CHAVE

Movimento Hip Hop. Rap. Gênero. Comunicação Contra-hegemônica.

6 REFERÊNCIAS *[Conforme ABNT NBR 6023/2002. Espaçamento 1,0]*

BEAUVOIR, S. 1949. **O Segundo Sexo: Volume 1, Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, P. 1995. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOWNING, J. D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

MAGRO, V. M. M. **Meninas no grafitti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporânea**. Campinas, 2003, tese de doutorado: Faculdade de educação, Unicamp.

BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual pratico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.